



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP ART SAULO MACHADO TEIXEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA APROXIMAÇÃO DO BRASIL AOS ESTADOS UNIDOS
DA AMÉRICA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PARA A
FORMAÇÃO DOUTRINÁRIA DA DEFESA ANTIAÉREA DO EXÉRCITO
BRASILEIRO.**

**Rio de Janeiro
2017**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP ART SAULO MACHADO TEIXEIRA

A IMPORTÂNCIA DA APROXIMAÇÃO DO BRASIL AOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PARA A FORMAÇÃO DOUTRINÁRIA DA DEFESA ANTIAÉREA DO EXÉRCITO BRASILEIRO.

Trabalho acadêmico apresentado à
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,
como requisito para a especialização
em Ciências Militares com ênfase em
Gestão Organizacional

**Rio de Janeiro
2017**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEx - DESMil
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **Cap Art SAULO MACHADO TEIXEIRA**

Título: **A IMPORTÂNCIA DA APROXIMAÇÃO DO BRASIL AOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PARA A FORMAÇÃO DOUTRINÁRIA DA DEFESA ANTIAÉREA DO EXÉRCITO BRASILEIRO.**

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase em Gestão Operacional, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____/_____/_____ CONCEITO:

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
MAURO JOSÉ DE ALMEIDA JÚNIOR - TC Cmt Curso e Presidente da Comissão	
PAULO ROBERTO DA SILVEIRA PIRES - Cap 1º Membro	
EDUARDO SOSTER - Cap 2º Membro e Orientador	

SAULO MACHADO TEIXEIRA – Cap
Aluno

A IMPORTÂNCIA DA APROXIMAÇÃO DO BRASIL AOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PARA A FORMAÇÃO DOUTRINÁRIA DA DEFESA ANTIAÉREA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Saulo Machado Teixeira*
Eduardo Soster**

RESUMO

O presente trabalho apresenta resultados de uma pesquisa que investiga a influência da doutrina militar norte-americana na doutrina de defesa antiaérea brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. O Exército Brasileiro, desde suas origens, tem sofrido influências das doutrinas militares: a portuguesa, a francesa e a norte-americana. A missão Norte-Americana estreitou laços doutrinários e políticos com o Brasil, o que foi aos poucos substituindo o pensamento doutrinário prussiano e o francês até sua consolidação com o final da Segunda Guerra Mundial. Por volta de 1950, foram observadas mudanças institucionais e aquisição de materiais norte-americanos para a Artilharia Antiaérea.

Palavras-chave: Artilharia Antiaérea, Doutrina, Brasil, EUA.

RESUMEN

El presente trabajo presenta resultados de una búsqueda que investiga la influencia de la doctrina militar norte-americana en la doctrina de defensa antiaérea brasilera durante la Segunda Guerra Mundial. El Ejército Brasileiro, desde sus orígenes, ha sufrido influencias de las doctrinas militares: la portuguesa, la francesa e la norte-americana. La misión Norte-Americana estrechó lazos doctrinarios y políticos con Brasil, lo que fue poco a poco substituyendo el pensamiento doctrinario prusiano y el francés hasta su consolidación con el final de la Segunda Guerra Mundial. Alrededor de 1950, fueron observados cambios institucionales y la adquisición de materiales norte-americanos para la Artillería Antiaérea.

Palabras-Llave: Artillería Antiaérea, Doctrina, Brasil, EUA.

\

* Capitão da Arma de Artilharia. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2007.

** Capitão da Arma de Artilharia. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2005.

1 INTRODUÇÃO

O Exército Brasileiro, desde suas origens, tem sofrido influências de algumas doutrinas militares estrangeiras. Dentre as diversas teses militares estrangeiras que influenciaram o Brasil, se destacam a portuguesa, a francesa e a norte-americana.

O Brasil foi colonizado por Portugal e, por isso, nos primórdios, teve grande influência portuguesa, pois havia necessidade de defender o território nacional da invasão de franceses, espanhóis, ingleses e holandeses. De acordo com Paula:

Ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1808, uma das preocupações de D. João foi com a defesa da colônia. Várias providências foram sendo tomadas para o fortalecimento do militar. Aos poucos, foi sendo criado o Exército do Brasil, que durou até 1822, com a Independência, quando passou a ser Exército Brasileiro (PAULA, 2009, p.12).

O século XIX foi marcado por diversas revoltas tais como: Confederação do Equador, a Cabanagem, a Sabinada, a Balaiada, a Revolução Farroupilha, a Revolução Praieira e conflitos externos como a Guerra da Cisplatina, a Campanha contra Oribe e Rosas e a Guerra do Paraguai. Essas diversas batalhas influenciaram no desenvolvimento de técnicas militares desenvolvidas pelo próprio Exército Brasileiro (PRADO JÚNIOR, 1987).

Desde o século XIX até os dias atuais, houve grande preocupação com a arte da guerra e com o pensamento militar, fruto do grande desenvolvimento tecnológico dos armamentos, equipamentos e da logística. (PRADO JÚNIOR, 1987)

Por volta de 1850, o Brasil, através de seus estudantes que foram para França, recebeu influência do Positivismo. No meio militar, as escolas militares foram organizadas sob esse novo conceito. O principal influenciador brasileiro deste pensamento foi Benjamin Constant, professor da Escola Politécnica e da Escola Militar (PRADO JÚNIOR, 1987).

A partir da estruturação e funcionamento de canais institucionais, houve a cooperação e influência norte-americana sobre o Exército Brasileiro a partir da década de 1930. Estes canais foram caracterizados principalmente pelas

comissões militares mistas que funcionaram em Washington e no Rio de Janeiro a partir de 1942, os programas de visita e treinamento de militares brasileiros nos EUA e os programas de assistência norte-americana às instituições de ensino militar no Brasil. Estes, somados às transferências de material bélico, resultaram numa forte influência organizacional, doutrinária e política norte-americana sobre as Forças Armadas brasileiras, particularmente sobre o Exército Brasileiro (RODRIGUEZ, 2011).

No final da década de 1930 e início de 1940, o contexto político mundial poderia representar o perigo de alinhamento ou cooperação de nações latinas - americanas ao regime nazi - fascista da Europa. Dentro dessa perspectiva, percebemos uma disputa velada entre a Alemanha e os Estados Unidos da América pelo Brasil, pois o mesmo apresenta destacada posição geográfica devido sua proximidade com a África e Europa, além disso, possui muitos recursos naturais indispensáveis à guerra moderna (RODRIGUEZ, 2011).

A doutrina do Exército Brasileiro foi influenciada, no início do século XX, dentre outras, pela doutrina francesa e americana. E é neste contexto, que verificaremos a influência da doutrina norte-americana na formação da doutrina da Artilharia Antiaérea Brasileira.

Segundo Derli Junior Stumpf (2010), grupos de instrução do Exército dos Estados Unidos auxiliaram na instrução da tropa brasileira que esteve em solo europeu durante a II Guerra Mundial. A função principal deste grupo foi adequar, conforme a doutrina antiaérea norte-americana, a doutrina antiaérea brasileira. Esta adequação se deu na Escola de Artilharia Antiaérea.

1.1 PROBLEMA

O Brasil já se apresentava como um país com grande importância no contexto político e geográfico do continente sul-americano e do Atlântico Sul no início do século XX. A disputa de influência entre os EUA e a Alemanha ocorria em diversos campos tais quais na aquisição de material bélico; da formação doutrinária de seus Exércitos, e da modernização de suas estruturas militares de ensino.

É neste contexto, que se verifica a aproximação do Brasil com os Estados Unidos. Esta proximidade influenciou na formação doutrinária da Defesa Antiaérea do Exército Brasileiro.

Desta forma, se faz necessária a seguinte pergunta: qual a influência que a doutrina da Defesa Antiaérea do Exército Brasileiro recebeu no contexto da Segunda Guerra Mundial e em que medida o Brasil se aproximou dos Estados Unidos da América?

1.2 OBJETIVOS

A fim de analisar como a aproximação dos Estados Unidos da América com o Brasil influenciou na formação da doutrina militar da Defesa Antiaérea do Exército Brasileiro, apresentaremos os objetivos específicos a seguir que permitirão o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

a) Apresentar a relação entre Brasil e Estados Unidos da América no campo político-militar no contexto em que o mundo estava vivendo no final dos anos de 1930 e início de 1940;

b) Apresentar a doutrina da Defesa Antiaérea Norte-Americana no contexto imediatamente anterior e durante a Segunda Guerra Mundial;

c) Apresentar a doutrina militar brasileira no que tange à Defesa Antiaérea antes da Segunda Guerra Mundial;

d) Apresentar a doutrina militar brasileira no que tange à Defesa Antiaérea depois da Segunda Guerra Mundial;

e) Analisar, desta forma, a influência da aproximação Brasil e EUA na formação da doutrina militar da Defesa Antiaérea do Exército Brasileiro.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

O conceito de doutrina militar constitui uma versão prática constante do C20-320 - Glossário de Termos Expressões para uso no Exército, instrumento de trabalho também indispensável para a pesquisa da História do Exército: “Doutrina Militar - Conjunto de conceitos, princípios, normas, métodos, processos e valores, que tem por finalidade estabelecer as bases para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas”. (FAHIMTB, 2017)

Neste sentido, o Exército Brasileiro se viu na necessidade de estudar sua história militar, pois é através deste estudo, que se obtém lições que ajudam na solução de problemas do presente e do futuro. Dessa forma, a Arte e as Ciências

Militares podem ser desenvolvidas juntamente com a capacidade intelectual e o raciocínio de seus militares.

Embasado no conceito de História Militar, que é um campo de estudo da História, visando a reconstituição da História da Doutrina Militar, a presente pesquisa serve como alicerce para verificar qual a real influência dos EUA na doutrina militar da Defesa Antiaérea do Exército Brasileiro.

Esta pesquisa se faz necessária, pois será através deste estudo que iremos verificar a influência da doutrina norte-americana na AAe brasileira. Além disso, apuraremos como se deu esta aproximação, o que pode contribuir para compreensão do estágio atual da doutrina antiaérea.

2. METODOLOGIA

Para colher subsídios que permitissem formular uma possível solução para o problema, o delineamento desta pesquisa contemplou leitura analítica e fichamento das fontes, entrevistas com especialistas.

Quanto ao objetivo geral, foi empregada a modalidade **exploratória**, tendo em vista o pouco conhecimento disponível, notadamente escrito, acerca do tema, o que exigiu uma familiarização inicial, materializada pelas entrevistas exploratórias.

1.1 REVISÃO DE LITERATURA

Iniciamos o delineamento da pesquisa com a definição de termos e conceitos, a fim de viabilizar a solução do problema de pesquisa, sendo baseada em uma revisão de literatura no período de jan/1930 a dez/1980. Essa delimitação baseou-se na necessidade de verificar o processo de construção de um pensamento doutrinário no Exército Brasileiro.

O limite anterior foi determinado almejando incluir as análises sobre como a aproximação dos Estados Unidos da América com o Brasil influenciou na formação da doutrina militar da Defesa Antiaérea do Exército Brasileiro.

Foram utilizadas as palavras-chave doutrina, AAe, Brasil e Estados Unidos, juntamente com seus correlatos em inglês e espanhol, na base de dados RedeBIE, Pergamum, Lilacs, Scielo, em sítios eletrônicos de procura na internet, biblioteca de monografias da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e da Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea (EsACosAAe), sendo selecionados apenas os artigos em português, inglês e espanhol. O sistema de busca foi complementado pela coleta manual de relatórios de exercícios militares, panfletos comerciais de

empresas do ramo de defesa, bem como de manuais de campanha referentes ao tema, do EB e dos EUA, em período de publicação diverso do utilizado nos artigos.

Quanto ao tipo de operação militar, a revisão de literatura limitou-se a operações de guerra, com enfoque majoritário na defesa Antiaérea do Exército Brasileiro.

a. Critério de inclusão:

- Estudos publicados em português, espanhol ou inglês, relacionados à consciência situacional, projeção de conflitos e programas de modernização militar; e

- Estudos qualitativos sobre as características da defesa Antiaérea pré, pós e durante a Segunda Guerra Mundial.

b Critério de exclusão:

- Estudos que abordam o emprego dos meios de AAAe para as tropas em combate nas linhas de frente ; e

- Estudos cujo foco central seja relacionado emprego tático de AAAe nas operações ofensivas e defensivas.

2.2. COLETA DE DADOS

Na sequência do aprofundamento teórico a respeito do assunto, o delineamento da pesquisa contemplou a coleta de dados pelo seguinte meio: entrevista exploratória.

2.2.1 Entrevistas

Com a finalidade de ampliar o conhecimento teórico e identificar experiências relevantes, foram realizadas entrevistas exploratórias com os seguintes especialistas, em ordem cronológica de execução:

Nome	Justificativa
NILSON V. FERREIRA DE MELLO – Cel EB	Historiador Militar
CESAR BONFIM MENINE C. PRODÓSCIMO – Maj EB	Pós-graduado em História História Militar
EDUARDO CRUZ – Cap EB	Pós-graduado em História História Militar

QUADRO 1 – Quadro de Especialistas entrevistados

Fonte: O autor

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 RELAÇÃO ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA) NO CAMPO POLÍTICO-MILITAR NO CONTEXTO EM QUE O MUNDO ESTAVA VIVENDO NO FINAL DOS ANOS DE 1930 E INÍCIO DE 1940:

No Brasil, ocorre a Revolução de 30, que marcou o fim da República Velha. Getúlio Vargas assume o poder em 1930, no qual expulsou do poder a oligarquia cafeeira, dividindo-se em três momentos: Governo Provisório -1930-1934, Governo Constitucional – 1934-1937 e Estado Novo – 1937-1945. (WIRTH, 1973).

Já nos Estados Unidos, de acordo com PRODÓSCIMO (2010), o governo Franklin D. Roosevelt (1933-1945) procurou fortalecer a hegemonia dos EUA no Hemisfério Ocidental (as Américas) e afastar a crescente influência ideológica e econômica da Alemanha nazista na região. Com ideal de criar uma imagem positiva dos EUA na América Latina para fortalecer sua liderança e ampliar os laços comerciais interamericanos, Roosevelt adotou a **Política de Boa Vizinhança. As íntimas relações entre Brasil e Estados Unidos tiveram como um de seus pilares mais fortes essa política de Boa Vizinhança.**

As conferências interamericanas regionais pan-americanas organizadas periodicamente entre os EUA e os países da América Latina eram voltadas para a ampliação da solidariedade e cooperação hemisféricas. As conferências de Buenos Aires (1936) e de Lima (1938) tinham como objetivo a incumbência da segurança coletiva contra agressões que partissem de potências não-americanas e mecanismos de consulta mútua. De certa forma, isso transformou a Doutrina Monroe dos EUA em uma doutrina multilateral interamericana.

PRODÓSCIMO (2010) afirma que as importações brasileiras de produtos alemães em 1936-1938 ultrapassaram as americanas e colocaram a Alemanha como nossa principal parceira comercial. As relações germano-brasileiras, contudo, não ficaram livres de transtornos e tensões, sobretudo por causa da repressão do governo de Getúlio Vargas às organizações nazistas que atuavam no sul do Brasil junto aos imigrantes alemães.

CERVO E BUENO (2002) afirmam que com início da guerra em 1939, houve um maior estreitamento econômico entre Brasil e Estados Unidos. A presença comercial alemã, significativa na década de 30, inicia um processo de retraimento. Cresceram também as exportações para a Espanha e a União Sul-Africana. A Grã-Bretanha passou a ocupar o segundo lugar no *ranking* de compradores do Brasil. A guerra regionalizou as relações comerciais do Brasil, não somente refazendo seu

comércio exterior como também interferiu no nível de especialização da sua economia, possibilitando o surgimento de novos itens tecnológicos, tais como, câmaras de ar, pneumáticos, de gêneros alimentícios e o aumento considerável de carnes em conserva.

Os governos de Vargas e de Roosevelt construíram, aos poucos, uma união estratégica que resultou na transformação do Brasil no principal parceiro político, militar e econômico dos EUA na América Latina e na entrada do Estado Novo na guerra contra a Alemanha. Na construção dessa união, os EUA tinham o interesse no fornecimento de minerais estratégicos brasileiros e a cessão de bases militares no nordeste do Brasil. Em compensação, o Brasil queria recursos para a modernização de suas forças armadas e para o programa de industrialização. Principais momentos da construção dessa aliança.

Segundo PRODÓSCIMO (2010), Góes envia uma longa carta a seu homólogo norte-americano, George Marshall, com o objetivo de dar continuidade às “combinações e ajustes para a eventual cooperação (...) na hipótese de uma guerra”. Informando também que o “centro de gravidade” das forças brasileiras está no sul do país, mas que se iniciará a preparação de bases aéreas no nordeste e serão organizadas novas unidades para protegê-las. Sinalizada a iniciativa brasileira, Góes explicita a contrapartida: “conforme a ajuda material que os Estados Unidos puderem prestar ao Brasil, o programa de organização será então desenvolvido para a defesa completa do nordeste, Amazonas, Bahia, conjunto Rio-Santos, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.” O documento é ainda mais incisivo nos termos da barganha que então se desenhava:

Para esse fim o governo brasileiro necessita conhecer até que ponto e em que condições contará com o governo dos Estados Unidos para fornecimento do material de primeira urgência indispensável, cuja nota deixei em vosso poder, sendo que as particularidades de preços e pagamentos não poderão ser nunca menos vantajosas para o Brasil dos que as que até agora tem sido ajustadas e propostas pela Alemanha e outras nações (SILVA, 1972, p. 156).

PRODÓSCIMO (2010) afirma que o ambiente ainda era de confiança e cordialidade, nota-se isso com o número de ofícios que aumentava de ambos os países envolvidos no processo. Porém começava a ficar evidente para a cúpula militar brasileira que as esperadas armas demorariam bastante. Na correspondência trocada por Marshall e Góes nas semanas seguintes, que

coincide com o início da fase europeia da guerra, o militar norte-americano informa que a legislação de seu país impedia a venda de armas para o exterior nos termos desejados pelo Brasil e Góes replica que seu país não dispõe de recursos para organizar sua segurança e ficaria, então, no “aguardo” para que os EUA fornecessem a sua ajuda indispensável.

Em consequência do ataque japonês à base de Pearl Harbor, os Estados Unidos entra na guerra, com novas promessas de Roosevelt de enviar os armamentos requisitados pelo Brasil, que as tensões Brasil-EUA foram parcialmente dissipadas. As novas negociações se deram durante a III Reunião Consultiva de Chanceleres, realizada em janeiro de 1942 no Rio de Janeiro, ao fim da qual o Brasil rompeu relações diplomáticas com o Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

3.2 A DOCTRINA DA DEFESA ANTIAÉREA NORTE-AMERICANA NO CONTEXTO IMEDIATAMENTE ANTERIOR E DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS PRINCIPAIS MUDANÇAS:

Segundo PROSDÓSCIMO (2010), avanços tecnológicos significativos começaram a surgir na primeira metade do século XX, sendo elas as comunicações via rádio, surgimento de novos engenhos de guerra e a crescente motorização.

Com isso as forças aliadas tiveram que adaptar-se. Apesar desta doutrina ser parecida com a utilizada na Primeira Guerra Mundial, houve mudanças significativas na concepção de emprego das Baterias de Campanha, Antiaérea e de Costa.

De acordo com RIBEIRO (2009), a Artilharia de Costa, localizada no Fort Monroe, teve que fazer reformulações rápidas e importantes para atender a nova prioridade dada à defesa antiaérea. Com isso destinaram mais tempo aos aspectos táticos e técnicos e ao estudo das Forças Aéreas. Manuais foram desenvolvidos para modificar a estrutura organizacional dos aspectos táticos antiaéreos. Estão entre estes manuais o emprego dos meios de AAAe orgânicos para as tropas em combate nas linhas de frente e emprego tático de AAAe nas operações ofensivas e defensivas. Além disso, chegou-se à conclusão que a artilharia antiaérea não poderia ser deixada em reserva.

A defesa antiaérea estava intimamente ligada à defesa de costa, porém a ideia de guerra global fez com que essa expansão causasse dificuldades de treinamento para o Corpo de Artilharia de Costa. Esta ainda possuía a missão de defesa do litoral. Desta forma, o departamento de guerra dos EUA formou o Comando de Artilharia Antiaérea. Este era responsável por treinar oficiais, sargentos e recrutas para as atividades de AAAe. Além disso, ativou, organizou e equipou unidades empregadas em combate (PRODÓSCIMO, 2010).

A Artilharia Antiaérea dos EUA passou a ser independente no Exército e adaptada a uma nova realidade da guerra (o vetor aéreo era uma ameaça a todas as frentes das operações terrestres).

Foram criados campos de treinamento para a Artilharia Antiaérea para que os norte-americanos formassem seus quadros e os capacitassem para a guerra.

Antiaircraft Training Center	Battalion Capacity		
	9 March 1942	9 March 1943	Peak Capacity Reached
Camp Davis, North Carolina	8	12	14 (Oct 43)
Fort Fisher, North Carolina	2	8	8
Camp Stewart, Georgia	16	43	43
Camp Edwards, Mass.	7	22	37 (Jun 43)
Camp Hulen, Texas	12	13	13
Fort Bliss, Texas	12	23	41 (Aug 43)
Fort Sheridan, Illinois	6	7	7
Camp Haan, California	11	32	32
Camp Irwin, California	2	10	10
Total	76	170	205

Source: Cibula, Alvin M. *The Antiaircraft Command and Center (Army Ground Forces Study no. 26)*. (Washington, DC: Army Ground Forces Historical Section, 1946), 98.

Tabeta 1 – Crescimento da AAAe dos EUA.

Fonte: Dissertação de Bryon E. Greenwald

3.3 A DOCTRINA MILITAR DA DEFESA ANTIAÉREA BRASILEIRA ANTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:

Segundo PRODÓSCIMO (2010), o aprendizado do tema de defesa antiaérea começou na Escola de Aviação Militar situada no Campo dos Afonsos (área esta próxima da Vila Militar do Rio de Janeiro). Dois foram os motivos para a implementação desta doutrina: a grande quantidade de oficiais de artilharia transferidos para a Aviação e, devido à Missão de Ensino Militar Francesa, a inclusão da defesa antiaérea na Aviação Militar.

O decreto nº22.655, de 20 de abril de 1933, regulamentou o Curso de Defesa Antiaérea na Escola de Aviação Militar. Este curso foi realizado neste local

até 1938. Em 11 de abril deste mesmo ano, criou-se o Núcleo de Bateria de Metralhadoras Antiaéreas.

O Ministério da Guerra resolveu introduzir no Brasil a Defesa Contra Aeronaves que era feita anteriormente apenas por metralhadoras. Desta forma, enviou, em agosto de 1934, o Capitão Alves Maia para a França. Este oficial participou do Estágio de Artilharia Antiaérea. Este estágio realizou-se entre 1º de outubro de 1934 e 30 de abril de 1935. Quando regressou da França, ficou à disposição da Diretoria de Aviação onde foi Instrutor de Defesa Antiaérea (PRODÓSCIMO, 2010).

Este Curso de Defesa Antiaérea na Escola de Aviação Militar foi o início da organização do Centro de Instrução de Defesa Antiaérea. O Aviso nº 215 de 25 de maio de 1938 determinou que este grupamento fica subordinado ao CIDAAe (Centro de Instrução de Defesa Antiaérea).

De acordo com MAGALHÃES (1998), a doutrina francesa era a que se aplicava no Brasil no que se refere à Artilharia Antiaérea. Esta doutrina era muito confusa, pois havia diferentes pensamentos sobre a necessidade de defesa antiaérea no campo de batalha. Alguns líderes militares achavam importante esta utilização, enquanto, outros achavam desnecessários. Os franceses utilizavam a AAe para abater ou afastar as aeronaves que estavam fora do alcance das armas orgânicas da Infantaria e, ainda, realizar a defesa passiva das unidades defendidas.

Neste contexto, havia correntes no Exército com pensamentos que a linha de frente proveria sua Defesa Antiaérea com seus próprios meios orgânicos. Desta forma, o menor escalão que contaria com a AAe seria o Corpo de Exército. Esse pensamento reforça a ideia da mobilidade das Divisões, o Exército não queria modificar a estrutura (MAGALHÃES, 1998).



Figura 1 – Da direita para a esquerda: Templo GI 1200; e dois modelos de Caminhão DODGE com Canhão Oerlikon de 20mm e Metralhadora Madsen 7mm antiaérea em 1938.

Fonte: Arquivos Históricos da Escola de Artilharia de Costa e Antiséria (2010)

3.4 A DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA NO QUE TANGE A DEFESA ANTIAÉREA DEPOIS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:

Segundo PRODÓSCIMO (2010), após a Segunda Guerra Mundial, a defesa contra aeronaves a alta e média altitude eram feitas com peças de artilharia de calibre superior a 80 mm. Os projéteis disparados por estas armas incluíam, normalmente, diferentes tipos de espoletas especiais - incluindo as barométricas, as de tempos e as de aproximação - projetadas para destruir no melhor momento de modo que os seus estilhaços atingissem a zona onde se encontra a aeronave.

O surgimento das aeronaves a jato e dos [mísseis guiados](#) reduziu o papel da artilharia de costa na defesa de um país, sendo que as posições fixas de artilharia se tornaram muito mais vulneráveis a ataques inimigos. Na maioria dos países, a artilharia de costa foi desativada, transformada em força anfíbia - do tipo dos [fuzileiros navais](#) - ou passou a estar equipada com plataformas móveis de lançamento de mísseis anti-navio. Alguns países, no entanto ainda mantêm unidades de artilharia de costa fixas armadas com peças de grandes calibres (PRODÓSCIMO, 2010).

Conforme MOURA (1991), o Brasil apresentava, após a Segunda Guerra Mundial, o mais moderno exército da América Latina, isso se deve ao fato das tropas nacionais terem adquirido experiências reais de combate e aumentado sua tecnologia de guerra em virtude dos materiais bélicos oriundos do intercâmbio com os norte-americanos. Em relação aos interesses do governo estadunidense, o historiador argumenta que a participação brasileira na coalizão dos “Aliados”, através da criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), possibilitou uma maior influência militar dos Estados Unidos nas Forças Armadas do Brasil.

3.5 A INFLUÊNCIA DA APROXIMAÇÃO BRASIL E EUA NA FORMAÇÃO DA DOCTRINA MILITAR DA DEFESA ANTIAÉREA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Os entrevistados foram unânimes em dizer que houve influência da doutrina norte-americana na doutrina brasileira durante a Segunda Guerra Mundial.

Segundo MOTTA (1998), a ida dos oficiais aos Estados Unidos, com o decorrer do tempo, promoveu um crescente entrosamento entre os dois Exércitos, pois, no retorno, esses oficiais trouxeram novas ideias sobre organização, armamento, currículos, mas principalmente padrões e estilos de trabalhos e de convivência militar.

De acordo com os estudos de PRODÓSCIMO (2010), a real influência Norte-Americana, na composição e evolução do pensamento doutrinário da Artilharia de Costa e da Artilharia Antiaérea Brasileira, bem como a influência nas instituições (Centro de Instrução de Artilharia de Costa e Centro de Instrução de Defesa Antiaérea) será observada principalmente após 1950, no qual o Exército provocará mudanças institucionais e de adoção de materiais, provocadas talvez por influência das experiências doutrinárias colhidas no transcurso da II Guerra Mundial, por parte do EUA e do Brasil.

A Artilharia de Costa e a Artilharia Antiaérea foram unificadas em um único centro, houve a criação da Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea. Foram adquiridos muitos equipamentos norte-americanos para a artilharia como um todo, de modo a padronizá-la, alinhando-a à doutrina e material norte-americano. Esta informação foi confirmada pelo Cel Ferreira, quando o mesmo discorre sobre a unidade que se tornou a EsACosAAe.

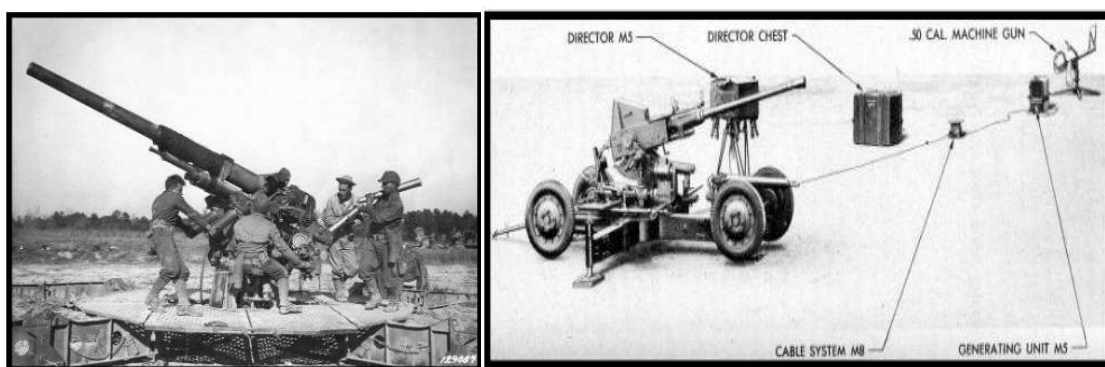


Figura 2 – Foto à esquerda: Canhão Antiaéreo 90 mm adquiridos em 1955, Grupos Antiaéreos eram compostos de quatro baterias de tiro a quatro peças. Cada bateria possuía um diretor de tiro M9 e um radar SCR-584. As granadas utilizadas possuíam espoleta tempo, que era ajustada através dos dados calculados pelo diretor de tiro.

Foto à direita: Canhão Bofors 40 mm M947, adquiridos em 1949 para defesa antiaérea a baixa altura.

Fonte: Arquivo Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea.

PRODÓSCIMO (2010), afirma que mesmo que o excedente de guerra tenha permitido transferências importantes de material bélico pesado para os países do Sul não impede a observação atenta que as missões militares americanas e o sistema de treinamento de oficiais latinos nos EUA tiveram um efeito menos visível: o de consolidar um fundamento militar hegemônica no continente. Inspirada por profundo anticomunismo. Até 1961, o material obsoleto da II Guerra ainda garantiu transferências militares de material pesado sob o argumento da defesa contra agressões externas.

De acordo com PRODÓSCIMO (2010), os acordos militares com os EUA se arrastaram até 1977, foi quando da decisão brasileira de realizar um importante programa nuclear de finalidades pacíficas, fundamentou-se numa avaliação cuidadosa das necessidades energéticas do país e das opções possíveis para satisfazê-las. Com o advento da primeira crise do petróleo constatou-se que o Brasil não poderia continuar seu desenvolvimento econômico a base de um combustível oneroso e com produção duvidosa. Diante da necessidade de definir sua política nuclear o Brasil optou pela tecnologia dos reatores a água leve e Urânio enriquecido com base na experiência de países tecnologicamente mais adiantados como Estados Unidos, Alemanha, França e Japão. Quando a Casa Branca recusou-se a colaborar com o projeto nuclear brasileiro, Geisel não hesitou em assinar um Acordo Nuclear com a Alemanha Ocidental. Frente às crescentes pressões estadunidenses para desistir do Acordo, particularmente intensificadas após a emergência da política de direitos humanos da administração Carter em 1977, Geisel rompeu o Acordo Militar Brasil - Estados Unidos, vigente desde 1952. Estava decretada assim a busca da doutrina própria nas Forças Armadas Brasileiras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto às questões de estudo e objetivos propostos no início deste trabalho, conclui-se que a presente pesquisa atendeu ao seu propósito, ampliando a compreensão sobre a importância da influência da doutrina militar norte-americana na formação da doutrina da Artilharia Antiaérea Brasileira.

A revisão de literatura possibilitou identificar que após oitenta e dois anos da sua criação, o Centro de Instrução de Artilharia de Costa, juntamente com o Centro de Artilharia de Defesa Antiaérea (EsACosAAe) continua evoluindo doutrinariamente de acordo com as possibilidades e limitações de nosso Exército, participando efetivamente da defesa do nosso litoral e espaço aéreo brasileiro, como elo permanente do Sistema de Defesa Aeroespacial Brasileiro (SISDABRA), tendo por missão especializar oficiais e sargentos das Forças Armadas em defesa de costa antiaérea, e com constantes cooperações à instruções dos cursos da EsACosAAe. Seu pioneirismo se ressalta com sua denominação histórica: “Berço da Defesa de Costa e Antiaérea Brasileira”.

O legado deixado pela Missão Militar Francesa (MMF), que possuía uma concepção de guerra estritamente defensiva, influenciou os três campos básicos da doutrina – a organização, o material e o emprego da Força Terrestre – durando até o início da década de 1940. A memória militar sobre a MMF está constantemente presente nos relatórios militares brasileiros e pelo sucesso alcançado na instrução e organização das Escolas das Forças Armadas Brasileiras que durou de 1920 até 1939.

Havia uma disputa entre as potências Europeias e os EUA antes da Segunda Guerra Mundial, no campo da aquisição de material bélico; da formação doutrinária do Exército, e da modernização da estrutura militar de ensino. Mas foi com a Missão Militar Americana (MMA) que se evidenciou e fortaleceu os laços de amizade entre os militares dos dois países e uma troca de interesses maiores entre a economia brasileira e norte-americana.

A MMA operou junto ao Centro de Instrução de Artilharia de Costa (CIAC), criada em 1934, na Fortaleza de São João (Rio de Janeiro/RJ), na Escola Técnica do Exército (1930), atual IME (1942) na Escola de Instrução Especializada, na Escola de Comunicações do Exército, e na Escola de Material Bélico. Estabelecimentos de Ensino que se tornaram fontes irradiadoras dos modernos conhecimentos, coordenando exercícios práticos aliados com a teoria.

Foi nesse contexto, de 1939, com início da Segunda Guerra Mundial, que a influência norte-americana foi mais intensa, devido ao aumento da ida de oficiais brasileiros aos EUA favorecendo o entrosamento entre os dois Exércitos, pois no retorno esses oficiais traziam novas ideias sobre a organização, armamento, currículos, mas principalmente padrões e estilos de trabalhos e de convivência militar.

Após os incidentes do torpedeamento dos navios mercantes nacionais, o governo brasileiro declarou guerra à Alemanha e Itália, em 28 de agosto de 1942. Criando-se neste mesmo ano a Comissão Mista, Brasileira e Americana, que influenciou profundamente a doutrina do Exército, o que ocasionou o abandono dos princípios franceses e a adoção do modelo norte-americano.

Juntamente com as mudanças doutrinárias, surgiram as transformações na organização básica do Exército. Interesses diversos do governo norte-americano e do governo brasileiro, tais como: as relações econômicas e as relações estratégicas, que passaram pelo interesse no estabelecimento de bases militares no Norte e Nordeste do País, como forma de estabelecer uma defesa continental, que foi amplamente concretizada.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, foram aprovadas novas estruturação e articulação da Força e nova Lei de Quadros e Efetivos, com as particularidades de um Exército eficiente e moderno.

Na década de 1960, desenvolveu um sistema de instrução autóctone, que englobou todos os campos da técnica moderna, particularmente no que se referia à guerrilha, anti-guerrilha e à guerra psicológica. Desenvolveu, por meio de pesquisas, ideias novas e estudos doutrinários mais coerentes com a nova realidade.

Com o surgimento da década de 1970, percebeu-se a necessidade de uma doutrina própria voltada para as nossas características e anseios nacionais. Foi mantido o intercâmbio de conhecimento e das experiências dos demais exércitos do mundo, em especial das nações amigas, porém em 1977 com o Governo Geisel houve o rompimento dos acordos militares entre Brasil-EUA, para que o país defendesse seus interesses maiores.

Conclui-se, portanto, a notável importância da influência dos EUA para a Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea e para a evolução da doutrina nacional, colocando EsACosAAe em lugar de destaque na história da artilharia do Brasil e principalmente no próprio Exército Brasileiro. A influência desta doutrina foi percebida na composição e evolução do pensamento doutrinário da artilharia antiaérea brasileira. Foi notada, ainda, a aproximação entre os dois exércitos no momento em que oficiais brasileiros retornaram de cursos feitos junto ao exército norte-americano. Desta experiência, foram percebidas ideias sobre organização, armamento, currículos e, principalmente, padrões, estilos de trabalhos e de

convivência militar. Estas influências serão observadas principalmente após os anos de 1950.

A Artilharia de Costa e Antiaérea foram unificadas numa única escola. Materiais foram obtidos de forma a padronizá-la junto à doutrina e material norte-americano.

REFERÊNCIAS

CERVO, Amado e BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2002.

FAHIMTB e AHIMTB. **Marechal Mario Travassos**. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/capitulo_2.PDF>. Acesso em: 28 ago. 2017

(FIGURA 1 E 2) **Arquivo Histórico da Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea – EsACosAAe** – Rio de Janeiro, RJ.

MAGALHÃES, J. B. **A Evolução Militar do Brasil**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1998.

MOTTA, Jehovah. **Formação do Oficial do Exército: currículos e regimes na Academia Militar, 1810-1944**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

MOURA, Gerson. **Sucesso e ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1991.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 20ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRODÓSCIMO, César Bonfim Menine Camelo. **A Missão Militar Norte-Americana no Brasil: sua influência para a Doutrina de Artilharia de Costa e Antiaérea brasileira**. 2010. 122 f. Monografia (Especialização em História Militar Brasileira) – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2010.

RIBEIRO, Ricardo Luiz. **O Emprego da Artilharia Antiaérea norte-americana na 2ª Guerra Mundial e seus reflexos para a Evolução Doutrinária**. Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea, Rio de Janeiro, 2009.

RODRIGUEZ, Fernando da Silva. **As relações militares brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial**. 2011. 20 f. Artigo (Pós-graduação em História) – Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2011.

SILVA, Hélio. **1939: véspera de guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

(TABELA 1) GREENWALD, Byron Edward. **U.S Antiaircraft Artillery and the battle for legitimacy, 1917-1945**. 2003. Dissertação (Doutorado)-Filosofia. The Ohio State University. 2003.

WIRTH, J. A. **A política de desenvolvimento na era de Vargas**. Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1973.

ANEXO A

SOLUÇÃO PRÁTICA

É sabido que durante a Segunda Guerra Mundial e momentos pré e pós guerra houve uma forte aproximação entre Brasil e Estados Unidos da América. Porém, poucas fontes comprovam a influência desta aproximação no desenvolvimento da doutrina da Artilharia Antiaérea Brasileira. O artigo **“A importância da aproximação do Brasil aos Estados Unidos da América durante a Segunda Guerra Mundial para a formação doutrinária da Defesa Antiaérea do Exército Brasileiro”** mostra um pouco a respeito desta aproximação e suas consequências para a formação doutrinária brasileira da Artilharia Antiaérea.

Tendo em vista a grande importância deste artigo e que há poucas referências bibliográficas a respeito do assunto em questão, o resumo didático abaixo poderá ser enviado à Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea para que seja arquivado em sua biblioteca e sirva de meio de pesquisa para o aprofundamento desta pesquisa.

Resumo didático:

Com início da guerra em 1939, segundo CERVO E BUENO (2002), houve um maior estreitamento econômico entre Brasil e Estados Unidos. A presença comercial alemã, significativa na década de 30, inicia um processo de retraimento. Cresceram também as exportações para a Espanha e a União Sul-Africana. A Grã-Bretanha passou a ocupar o segundo lugar no *ranking* de compradores do Brasil. A guerra regionalizou as relações comerciais do Brasil, não somente refazendo seu comércio exterior como também interferiu no nível de especialização da sua economia, possibilitando o surgimento de novos itens tecnológicos, tais como, câmaras de ar, pneumáticos, de gêneros alimentícios e o aumento considerável de carnes em conserva.

Os governos de Vargas e de Roosevelt construíram, aos poucos, uma união estratégica que resultou na transformação do Brasil no principal parceiro político, militar e econômico dos EUA na América Latina e na entrada do Estado Novo na guerra contra a Alemanha. Na construção dessa união, os EUA tinham o interesse no fornecimento de minerais estratégicos brasileiros e a cessão de bases militares no nordeste do Brasil. Em compensação, o Brasil queria recursos para a

modernização de suas forças armadas e para o programa de industrialização. Principais momentos da construção dessa aliança.

Em consequência do ataque japonês à base de Pearl Harbor, os Estados Unidos entra na guerra, com novas promessas de Roosevelt de enviar os armamentos requisitados pelo Brasil, que as tensões Brasil-EUA foram parcialmente dissipadas. As novas negociações se deram durante a III Reunião Consultiva de Chanceleres, realizada em janeiro de 1942 no Rio de Janeiro, ao fim da qual o Brasil rompeu relações diplomáticas com o Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Conforme MOURA (1991), o Brasil apresentava, após a Segunda Guerra Mundial, o mais moderno exército da América Latina, isso se deve ao fato das tropas nacionais terem adquirido experiências reais de combate e aumentado sua tecnologia de guerra em virtude dos materiais bélicos oriundos do intercâmbio com os norte-americanos. Em relação aos interesses do governo estadunidense, o historiador argumenta que a participação brasileira na coalizão dos “Aliados”, através da criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), possibilitou uma maior influência militar dos Estados Unidos nas Forças Armadas do Brasil.

Segundo MOTTA (1998), a ida dos oficiais aos Estados Unidos, com o decorrer do tempo, promoveu um crescente entrosamento entre os dois Exércitos, pois, no retorno, esses oficiais trouxeram novas ideias sobre organização, armamento, currículos, mas principalmente padrões e estilos de trabalhos e de convivência militar.

De acordo com os estudos de PRODÓSCIMO (2010), a real influência Norte-Americana, na composição e evolução do pensamento doutrinário da Artilharia de Costa e da Artilharia Antiaérea Brasileira, bem como a influência nas instituições (Centro de Instrução de Artilharia de Costa e Centro de Instrução de Defesa Antiaérea) será observada principalmente após 1950, no qual o Exército provocará mudanças institucionais e de adoção de materiais, provocadas talvez por influência das experiências doutrinárias colhidas no transcurso da II Guerra Mundial, por parte do EUA e do Brasil.

A Artilharia de Costa e a Artilharia Antiaérea foram unificadas em um único centro, houve a criação da Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea. Foram adquiridos muitos equipamentos norte-americanos para a artilharia como um todo, de modo a padronizá-la, alinhando-a à doutrina e material norte-americano.